

## **Filosofia e Teologia no discurso religioso: entre a irrelevância e a superstição**

Iniciemos esclarecendo os termos do título a fim de dissiparmos logo de início alguma possível interpretação precipitada e, conseqüentemente, distorcida do mesmo.

Trata-se apenas de um título, provocativo certamente; não de um enunciado afirmativo completo. Nele não há verbos; apenas substantivos (filosofia, teologia, discurso, irrelevância, superstição), adjetivo (religioso), preposições (em, entre), conjunção coordenativa copulativa (e), e artigos definidos (a, o). Quanto à pontuação, os dois pontos (:) comumente são utilizados quando queremos dar uma explicação conclusiva decorrente, sintética, objetiva do que havíamos dito antes; ou, um tanto imprecisamente, anunciando uma espécie de subtítulo, como no caso aqui. “Entre a irrelevância e a superstição” anuncia uma espécie de recorte temático no interior de um tema mais vasto; aqui, no caso, o discurso religioso.

Em que sentido estariam filosofia e teologia *entre* a irrelevância e a superstição?

Note-se que a conjunção coordenativa “e” (em filosofia e teologia) não nos permite fundir os termos, nem transformar um deles num adjetivo do outro, como ocorreria nas expressões *filosofia teológica* e *teologia filosófica*. Uma filosofia *teológica* seria uma reflexão filosófica sobre o fenômeno religioso nos seus traços (mono)teístas, como o cristianismo, por exemplo; um tanto semelhante ao modo como a disciplina filosófica denominada Filosofia da Religião aborda o grande tema da Religião em ambientes cristãos e instituições confessionais. Uma teologia *filosófica*, por sua vez, partiria da revelação divina buscando sua inteligibilidade e sua expressão discursiva lançando mão de aportes filosóficos, ao modo da disciplina teológica denominada Teologia Fundamental, que emprega métodos ou quadros referenciais teóricos filosóficos distintos para “dar razões

da esperança” (cf. 1Pdr 1,15), para mostrar a credibilidade e inteligibilidade da revelação cristã de Deus.

A preposição “*entre*” aponta para o espaço que vai da irrelevância à superstição. Note-se que não se está afirmando categoricamente que a filosofia é irrelevante e que a teologia é supersticiosa, já que ambas as áreas de conhecimento estão sendo vistas enquanto “discurso religioso” e, mais precisamente, no (*em + o*) discurso religioso. Com isso fica dito que o discurso religioso não é exclusividade da filosofia e da teologia. Com efeito, as “ciências da religião”, por definição, não são nem filosóficas nem teológicas. Elas têm seu próprio estatuto epistemológico, seus próprios métodos de investigação do fenômeno religioso, assim como o reconhecimento de sua relevância e seriedade por parte da sociedade.

Quanto ao “discurso religioso”, que se lê no título, é preciso observar o quão ambíguo ele pode ser. O que caracteriza um discurso como *religioso*? Talvez alguém opinasse que para responder a essa questão seria necessário antes definir o que se entende por *religião*, ou seja, seria preciso formular o/um conceito de religião. Mas, até que ponto a formulação de um conceito de religião não é devedora da própria religião de quem o formula? Dito ilustrativamente: será que alguém imerso no contexto religioso do monoteísmo abraâmico (judaísmo, cristianismo, islamismo) deixaria de inserir o *Theós* (Deus) como constitutivo do (seu) conceito de religião? E será que alguém imerso num contexto religioso diverso poderia compreender e aceitar um tal conceito? Esse alguém poderia dizer, por exemplo, que *religião* não é um conceito, que todo conceito é um produto da razão humana, que ninguém é existencialmente religioso simplesmente porque tem um conceito de religião, que a religião pertence à ordem do símbolo, etc.

Se a pluralidade das religiões é real, então também real são as “visões de mundo” que elas têm e, por conseguinte, plural são os discursos religiosos. As grandes religiões da humanidade têm, cada uma a seu modo, uma visão da totalidade da realidade. E é por isso que quando a filosofia e a teologia gestadas no contexto religioso cristão ocidental marcadamente europeu ignoram isso, acabam produzindo discursos fragmentados com traços reducionistas.

No mundo ocidental não é muito difícil constatarmos que a filosofia da religião, respectivamente das religiões - enquanto deveria ter presente o fenômeno religioso na pluralidade de religiões -, se reveste de uma camada teológico-cristã; enquanto a teologia cristã da religião, respectivamente das religiões - enquanto se permite considerar em seu discurso as religiões não-monoteístas -, se reveste de uma camada filosófica, a tal ponto que uma filosofia (da religião) sem uma teologia (cristã) da religião facilmente cai na irrelevância, assim como também uma teologia (cristã) da religião sem uma filosofia da religião facilmente cai na superstição. Que grande interesse despertaria em nós um curso de filosofia da religião que não tratasse da religião cristã, ou que não colocasse o cristianismo pelo menos em pé de igualdade com outras religiões? E que grande interesse despertaria em nós um curso de teologia fundamental incapaz de “dar

razões da esperança” cristã frente a outras tantas confissões religiosas existentes no mundo? Ocorre aqui um duplo reducionismo metodológico: religioso e teológico. A filosofia da religião reduz seu campo de reflexão sobre o fenômeno religioso universal às religiões abraâmicas, monoteístas, com um claro acento no cristianismo, tomando o todo pela parte. A teologia fundamental reduz o campo religioso-teológico à revelação cristã de Deus, ao cristianismo, tomando a parte pelo todo. Ambos os discursos necessitam um do outro: o primeiro para não cair na irrelevância, o segundo para não cair na superstição.

Com efeito, como poderia o filósofo, como um amante da sabedoria, afirmar que o saber milenar acumulado pelas grandes tradições religiosas, tão antigas quanto o cristianismo, haveria de ser irrelevante para sua reflexão filosófica? Por qual motivo não haveria de ser a sua própria reflexão filosófica sobre religião irrelevante para pensadores e pensadoras de outros contextos religiosos? E como poderia o teólogo cristão, como um cientista da fé, um hermenauta da esperança, afirmar que o legado salvífico-escatológico das grandes tradições religiosas, tão antigas quanto o cristianismo (diga-se uma vez mais), haveriam de ser relegadas ao status de superstição ou de mera propedêutica à fé em Cristo e à pertença ao cristianismo? Por qual motivo não seria a mensagem religiosa do próprio cristianismo uma superstição aos ouvidos dos fiéis de outras religiões e tradições religiosas não monoteístas?

O fato é que filosofia e teologia se necessitam mutuamente. Para a maioria dos teólogos ocidentais, a filosofia lhes tem oferecido os quadros referenciais teóricos para expressarem, com inteligibilidade e coerência, a mensagem religiosa do cristianismo na sua pretensão de universalidade; e o cristianismo, como a religião da maioria dos filósofos ocidentais, oferece a eles o conteúdo básico para a disciplina filosófica concernente à compreensão do fenômeno religioso. Para que uma tal constatação não pareça carente de referências históricas, lembremos, por exemplo, do teólogo Santo Agostinho e o quadro referencial teórico filosófico platônico/neoplatônico por ele empregado; de Santo Tomás de Aquino (e os grandes representantes do tomismo) com o quadro referencial teórico filosófico aristotélico; de Karl Rahner, Bernard Lonergan e outros tantos representantes do tomismo transcendental com o quadro referencial teórico filosófico transcendental; dos atuais teólogos analíticos com o quadro referencial teórico da filosofia analítica; de outros tantos teólogos da atualidade que combinam dois ou mais quadros referenciais teóricos filosóficos: hermenêutico, fenomenológico, dialético, personalista, existencialista, estruturalista, dramático, etc., com suas numerosas variantes que incluem procedimentos metodológicos outros empregados pelas diversas ciências da religião e seus respectivos enfoques: histórico, político, sociológico, biológico, psicológico, psicanalítico....

Em matéria de filosofia e teologia, por relação ao campo do fenômeno religioso, com suas respectivas pretensões de verdade e universalidade, estamos às voltas hoje com uma grande dificuldade, a saber, a pluralidade de quadros referenciais teóricos e a falta de precisão metodológica. Há divergências profundas entre o método empregado pelo discente pós-graduando e o método empregado

pelo filósofo ou teólogo que ele está pesquisando. Quando vem o momento em que o doutorando ou doutoranda precisa tomar partido e se pronunciar criticamente em relação ao autor ou autora que está pesquisando e manifestar a novidade propriamente dita de sua pesquisa, a mencionada dificuldade surge com força e traz consigo o risco de ele ou ela incorrer numa grande confusão de abordagens. Com efeito, o discente está lidando (comumente sem ter se dado conta) não só com métodos diferentes, mas com quadros referenciais teóricos distintos, cada um deles com seus próprios limites e possibilidades.

Levando em consideração o pluralismo religioso e fragmentação dos discursos religiosos, por um lado, e a necessidade de situar sistematicamente o tema "religião" no todo da realidade, por outro lado, algumas das perguntas que surgem são as seguintes:

1- Para a filosofia da religião, será que é possível a esta disciplina ter ou manter genuína relevância filosófica sem ter que pagar tributo especial, para não dizer quase exclusivo, à religião cristã ou às derivadas do monoteísmo abraâmico? Quais filósofos não-cristãos da religião/das religiões conhecemos e aos quais atribuímos uma real relevância em nossos ambientes acadêmico-filosóficos?

2- Para a teologia fundamental, será que é possível a esta disciplina ter ou manter genuína relevância teológica se permanecer ainda encerrada numa atitude de mero inclusivismo religioso moderado que só vê o Cristo a partir do cristianismo institucionalizado e então o "estende" a determinadas religiões mais ou menos afins (teístas), mas não vê ou ainda não consegue ver as outras religiões a partir do Cristo/Logos/Palavra/Divino universal (pelo qual tudo foi criado)? Quais *teólogos* cristãos nós conhecemos em nossos ambientes acadêmicos que têm ou possam ter uma real relevância para as religiões não monoteístas e, por conseguinte, para o efetivo diálogo inter-religioso?

3- Será que tanto a filosofia quanto a teologia, filósofos/filósofas e teólogos/teólogas respectivamente, em termos de discurso sistemático (inteligibilidade, coerência e universalidade) não estariam produzindo belos discursos para si mesmos?

4- Se ignorássemos o fenômeno religioso na sua pluralidade de religiões existentes no mundo, o que haveria de significar a disciplina "filosofia da religião" no curso de filosofia?

5- Se ignorássemos o fenômeno religioso na sua pluralidade de religiões existentes no mundo, qual seria a necessidade da disciplina "teologia fundamental" no curso de teologia?

6- Frente ao pluralismo religioso, não seria a filosofia da religião, sempre e quando circunscrita ao cristianismo e às famosas "provas da existência de Deus", irrelevante para os nossos dias?

7- E se a teologia não mais empregasse quadros referenciais teóricos filosóficos no labor teológico, será que o discurso teológico teórico produzido pode-

ria superar a superstição, ou seja, as crenças ou práticas irracionais baseadas em suposições mágicas ou sobrenaturais?

8- Será que a filosofia (da religião) e a teologia (fundamental), filósofos da religião e teólogos fundamentais, respectivamente, hoje, percebem claramente o que distingue a filosofia da teologia, e ambas das ciências da religião? Será que filósofos e teólogos, desde os quadros referenciais e métodos que empregam em suas pesquisas no campo da religião, conseguem perceber que não são propriamente cientistas da religião? E será que os cientistas da religião, desde os quadros e métodos que empregam em suas pesquisas, conseguem perceber que não são propriamente filósofos ou teólogos?

Mas afinal, o que isso tudo tem a ver com os artigos publicados neste número da Revista Pensar?

Digamos logo: os artigos filosóficos e teológicos aqui publicados são de uma esplêndida diversidade temática. Não há um denominador comum subjacente a todos eles. Aliás, um denominador comum supostamente encontrado poderia relegar os multifacetados artigos filosóficos e teológicos à irrelevância social ou a um tipo de superstição epistêmica.

Os artigos, cada um com seu próprio quadro referencial e método de abordagem, oferecem ao leitor um rico panorama filosófico e teológico. Desde considerações acerca da autoridade epistêmica, do ceticismo, da concepção de "Deus" na filosofia de Spinoza, do instigante pensamento de Wittgenstein, da compreensão de "pessoa" em Maritain, dos medos da humanidade segundo Le Breton, passando pelo homem frente à revelação divina, o Evento Cristo, o Concílio Vaticano II, a grande Tradição da Igreja, a liturgia, o romantismo religioso, a educação e o ensino público no Brasil, entre outros, os artigos nos convidam a alargarmos nossos horizontes de compreensão.

Cientes estamos de que a filosofia da religião, como disciplina filosófica, não pode ignorar a riqueza plurifacetada do fenômeno religioso universal. Também sabemos que quando o filósofo se volta para o fenômeno o que encontra é uma pluralidade caótica de religiões e, por conseguinte, um complexo emaranhado de abordagens e de discurso "religiosos" divergentes ou destoantes. Para tratar o tema de modo sistemático ele precisa de um quadro referencial teórico o mais abrangente possível, que lhe permita considerar e situar o fenômeno (do) religioso no todo da realidade; o mesmo vale para o tema "Deus". Do mesmo modo temos presente que a teologia fundamental, como disciplina teológica, não pode mais ignorar a mesma riqueza plurifacetada do fenômeno religioso universal. Este interpela o teólogo cristão a "libertar" o *Logos* divino, o Cristo, das amarras institucionais e dogmático-doutrinárias do chamado *cristianismo*.

Naturalmente, os artigos aqui não estão circunscritos às disciplinas Filosofia da Religião e Teologia Fundamental, respectivamente. A menção a estas disciplinas se justifica na medida em que nos permite ver com maior clareza que o discurso religioso filosófico ou teológico em nossos dias precisa dar maior

atenção às diferentes manifestações religiosas no interior do grande fenômeno religioso universal. Em verdade, se ignorarmos o diferente e os diferentes no exercício filosófico e teológico cairemos na *mesmidade* (para dizer com Lévinas), tenderemos a atitudes fundamentalistas e exclusivistas, que se traduzirão em discursos intransigentes, bem pouco criativos e, por conseguinte, irrelevantes ou demasiado supersticiosos para a mentalidade do homem e da mulher do século XXI.

Boa leitura!

**Luiz Carlos Sureki**

**Cláudia Maria Rocha de Oliveira**

**Washington Paranhos**